



Gaiato

3 DE ABRIL DE 1971

ANO XXVIII — N.º 706 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

RESPEITO PELO HOMEM

É extraordinário o poder ressuscitante da solidariedade!

Esteve ontem aqui o mineiro-silicótico de quem, sob esta epígrafe, temos falado. Outro homem, um homem novo, que não aquele que nos apareceu há meses, vencido da vida, com palavras desesperadas de acabar com ela, de já ter acabado mesmo se não fôssem os filhitos.

Pois o nosso homem veio e foi servido para as urgências mais imediatas. Com os 6 contos que vós lhe destes, pagou dívidas mais gritantes: a casa, o pão, a mercearia, o leite do mais pequenino, ainda de meses... Tirou do «prego» alguma roupinha de agasalho. E deitou-se ao negócio: de porqueiro.

(Na entrevista deliciosa que nos ocupou boa metade da tarde de ontem, até eu fiquei iniciado na arte de «arrôbar» — arte que não tem parentesco com a do furto, mas consiste em calcular à vista o peso do gado!)

O negócio tem-lhe corrido bem. Aos que se habituaram a nada, o pão de cada dia, não vindo crescer dívidas, já é riqueza! Mas esta parca suficiência estimulou-o a reagir uma vez mais à sentença dos homens, que o haviam condenado, e aos seus, à vegetação da miséria, com a pensão anual de invalidez de 1.898\$86.

«Aqui não me governo» — pensou ele. «Tenho de me deitar ao caminho e ir a Lisboa. Lá é a terra do último suspiro. Tenho de ir lá!»

E com uns escudos tirados do importante negócio de por-

SEGUE NA QUARTA PAGINA

Aqui Lisboa

Enquanto os caboucos da nova casa para 50 Rapazes aguardam a oportunidade de serem cheios, estamos voltados em força para as futuras oficinas. Se relativamente à primeira obra ainda não perdemos a esperança de receber alguma ajuda oficial, relativamente à segunda temos caminhado unicamente com o nosso próprio trabalho e os recursos normais da Casa. É sem dúvida um grande esforço que se está a realizar, que nos confunde e faz perguntar a nós próprios como é possível processar-se. Só a Providência pode cabalmente explicar o «milagre» de irmos pondo, embora a pouco e pouco, ao serviço dos Rapazes, os meios adequados à sua formação, às vezes com a admiração de alguns mas também ante a indiferença de muitos ou do despeito de quem, apesar da abundância das palavras, nada ou pouco faz. As obras, nas nossas Casas, cansam e consomem-nos psíquica e fisicamente. São, no entanto, uma afirmação de Fé e um atestado da validade dos processos postos em prática por Pai Américo há mais de 30 anos.

Uma das razões que ajudam ao «milagre» atrás anunciado reside no labor dos Rapazes, dos mais pequenos aos mais velhos. Eles amassam, elês

transportam os materiais mais diversos nos recipientes apropriados, eles pregam, eles trabalham nas oficinas. Merecem a todos os títulos o que comem e são merecedores do nosso incondicional respeito. Aos seis, sete e oito anos já apresentam, não raro, calos. Ao tocar as suas frágeis mãos temos sentido o dever de as beijar e de compreender melhor as traquinices ou os procedimentos menos conformes. São um exemplo para essas figuras excêntricas que se pavoneiam mais ou menos por toda a parte, sem nada fazerem, vivendo à custa de expedientes mais ou menos arditos ou gastando aquilo que os sacrificados familiares conseguem à custa de muito suor e de privações de todo o tipo. Quem vem até nós ao domingo não se apercebe do nosso modo de ser. Pai Américo escreveu no seu testamento espiritual que «a vida de trabalho deve seguir a par da vida religiosa nas nossas Comunidades e que o trabalho dos Rapazes é ainda a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem». Nos dias de repouso ou às horas de descanso não se poderá fazer uma idela da pedagogia do trabalho ou do imperativo «dê-se ao Rapaz o sa-

SEGUE NA QUARTA PAGINA



Paço de Sousa. Hora de trabalho e estudo. No largo da Capela — silêncio, solidão, neve, beleza. E a Cruz domina, preside. É um santuário d'almas!

AS NOSSAS EDIÇÕES

VAI SAIR O 1.º VOLUME

«ISTO É A CASA DO GAIATO»

Vamos procurar cumprir uma intenção: servir, como foliar, o 1.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato» — pelo menos aos assinantes da letra A da nossa Editorial — durante o período pascal.

É uma azáfama na Encadernação! Para «Zip», «Tomate», «Picoto» e «Fuínha» — o seu trabalho específico. E fácil. Até para gafes...! Por isso, um deles confere o serviço dos colegas. Outro, prensa cadernos. Ainda outro, despacha para a máquina de coser. Etc.

Esta uma face. A outra, porém, é bem mais difícil... São eles. A sua idade e os seus problemas... Estava agora ocupado na máquina de escrever. E ouço berros. Levanto-me. A porta do escritório abre-se de roldão, com Raimundo e «Fuínha» ao

soco! Todavia, a medida divide-se por ambos. Entretanto, sossegaram. Fizeram as pazes. E o trabalho continuou: sob a calma do «Zip», a ironia do «Tomate» e o gaguejar arrastado do Martins. Isto é a Casa do Gaiato!...

Cumprimos, também, com esta reedição, um velho desejo, expresso — no decorrer do tempo — por centenas e centenas de leitores; já que a primeira remessa de 5.000 — despachada há 20 anos — foi sol de pouca dura. Esta, porém, sobe para 10.000. E não chegará, talvez, para três ou quatro anos, se tomarmos por bitola a tiragem do «Porta Aberta» — 7.500 — que não tarda a esgotar... sem métodos de «marketing» — para o grande público: contactos com livreiros,

campanhas de publicidade, enfim, técnicas específicas da actualidade. As nossas edições são um best-seller só do «Famoso» — e dos seus leitores! Tanto que — di-lo a experiência — se alguns volumes da presente reedição, pela mão do carteiro, baterem à porta de assinantes servidos — há 20 anos — com a primeira, não duvidamos se já m recebidos, interiormente, com mais hinos e hossanas — é para o meu filho!, ou para o meu neto!, ou para minha irmã!, ou para meu primo!... Assim faz o leitor do «Famoso». E bem! Não guarda só para si. Distribui. Semeia. Aduba. A colheita, porém, é com Deus. Melhor ainda!

Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO

MALANJE

São precisamente 15 h. do dia 14. O dia está quente. Só na água se estaria bem. Mas como por estas paragens não há rio nem mar, contentemo-nos com as lagoas que por cá há. Ainda hoje estive junto à nossa. Confesso que no Domingo passado não me apetecia de lá sair. Aliás, isto é já o quarto. Acreditai que me sinto mesmo bem por aqui. Eu até já disse que ficava cá!... Mas que ninguém acredite!

Estou sentado numa bela cadeira de fitas. Estou portanto, na varanda da nossa linda Casa de Malanje. Olho para todos os lados e só deparo com beleza. A meu lado esquerdo, por exemplo, um rico jardim. Ainda há bem pouco tempo, vi o Fernando Dias todo zangado, por lhe terem partido uma planta. Este canto, tem sempre flores. Não vai há muito que vi a Senhora D. Maria José colher algumas. Temos, depois, para além do jardim, muita coisa que eu não sou capaz de descrever. Mas vá lá: temos a sala de estudo e tudo quanto diz respeito à Casa-Mãe.

O Júlio saiu com a carrinha para a cidade. Claro, não foi só. A carrinha é raro sair só com um. Foram muitos. E foram a cantarolar, pois ao Domingo, sabe bem dar um giro. A mim, ao contrário deles, apetece-me repousar. Sabe-me bem respirar ar puro, longe da cidade, no planalto de Malanje. Por isso, cá fiquei. E nunca estou só. Quase sempre o Laranjinha, que foi da nossa Casa de Paço de Sousa, está à minha beira. Ou a jogar damas, ou a tocar viola. Ele ri sempre, com seu ar malandro. É um moço bem disposto. Sempre que eu chego do trabalho, ele me faz logo um convite: «Ó Alberto, anda jogar damas que desta vez ganho eu». E quase sempre sai uma grande verdade.

Os visitantes estão sempre a chegar. Daqui estou a ver carros parados nos galinheiros. Com certeza que a lagoa e os baloiços não estão sós. Lá para as bandas da Barragem está gente. Em qualquer parte da fazenda se encontra gente. Quanto mais não seja, os rapazes mais pequenos que foram às goiabas. Com certeza que o «Pirata» não falta. Ele é um guloso por elas. Até eu comia, desde que fresquinhas!

Cheguei cá hoje, eram 9 h. da manhã. Quase sempre chego a esta hora, por causa de assistir à Missa. A nossa Missa de hoje, para os mais velhos, foi na Cadeia de Malanje. Claro, no fim, foi aquele

jogo de futebol, como não podia deixar de ser. A vitória pertenceu aos visitantes. Segundo dizem os entendidos cá do lugar, é a segunda vitória que a vitoriosa equipa de «O Gaiato», lá foi arrancar. Durante toda a primeira parte, todo o pessoal tentou dar o seu máximo rendimento. Registou-se uma expulsão aos 15 minutos, que foi a de André. Aproveito para dizer ao senhor árbitro, que quanto a nós, não foi a sua única falta. Acabada a primeira parte estávamos a vencer por 2-1. Após 15 minutos de intervalo, começou então o segundo tempo. Todo o pessoal, com a folia do «vamos fazer mais 2 tentos», mas por acaso enganaram-se, que tivemos à nossa conta mais 3. Claro, que o golo, foi um belo passe de Ilídio II, para Alberto e este de cabeça pô-lo nos pés de Tomás que marcou assim o 5.º golo da equipa, e o 3.º à sua conta. Na defesa, «Falcão» foi sempre pontual, evitando assim a derrota. Quanto ao Sr. Árbitro, que foi Júlio da Silva, fez um bom e exemplar trabalho. Faltas todos temos e por isso mesmo, ele não faltou em cometê-las. Resultado final, 5-4.

Pelo que me têm vindo a dizer, na nossa mata não falta caça. Eu ando com ideias de caçar, mas estou à espera que venha até cá, o Manuel «ex-Chancudo». Vai ser aquela bifalhada. Se algum for servido, que venha por cá, mas não se metam ao caminho, sem novas ordens. Claro, quando as novas chegarem a ir, já não deve haver nada!... Tudo poremos em prova, quando nos for possível.

Dizem que para os lados de lá, temos um pedaço de terreno com algodão e tabaco. Ainda lá não fui. Mas o café, é que não passei sem o ver. Fica logo à entrada da nossa Casa, do lado direito. Ele está lindo. Está carregado de grão. Eu vou levar a semente para semear em Paço de Sousa!... Isso é que era bom! Bem, que o Sr. P.e Abraão não saia do mato. Mas pelo menos café de Malanje para o nosso bar e para assim se tomar uma cafezada, isso é que não deve faltar. Quem não gostar, que ponha o dedo no ar! Tenho a impressão, que com um pouco de coisa e tal, lá da terra, ninguém se nega. Não é verdade, ó senhores chefes-mores da Tipografia?

Hoje, dia 14, tivemos uma pequenina festa. A Senhora, assim como o «Caneco», fizeram anos. Todos nós batemos palmas à sua entrada no refeitório. Ela merece. Deu-nos como presente uma boa sobremesa. Não há dúvida que os bolos e o bolo de anos, vieram mesmo na hora H. E então o licor, nem se fala. Ninguém se acanhou em felicitá-la. Ela, por sua vez, escondendo o cansaço do muito trabalho do seu dia-a-dia, parecia feliz.

Oxalá que por muitos anos os festeje e, se possível, na Casa de Malanje.

António Alberto

BENGUELA

Meus amigos leitores. É a primeira vez que escrevo para o «Famoso».

Quero começar por dizer a minha vida. Vou para relojoeiro.

Estou há seis anos na Casa do Gaiato.

Nós precisamos de uma máquina de zig-zague para a rouparia. A Senhora anda muito aflita porque ela não faz muita falta. Se algum dos nossos leitores puder fazer este jeito, fico muito agradecido.

E, agora, vou fazer só mais este pequeno pedido, às senhoras e senhores, se por acaso tiverem rebuçados ou coisas boas que não vos façam falta, mandem para os «Batatinhas».

Eu sou vendedor de «O Gaiato»; gosto dos fregueses porque as pessoas recebem-nos com carinho e amor, como se fôssemos seus filhos. Por isso mesmo gosto dos caros leitores de Benguela, Lobito e dos Catumbelenses. Antes de vos deixar, quero-vos anunciar que a primeira casa para dormitórios está completamente acabada e é linda. Já se começaram a fazer outros dormitórios. Quando estiver tudo pronto, passamos todos para as novas instalações.

Paulo Palma

CALVÁRIO

Carnaval — Quando vos encontrades a ler este número de «O Gaiato», já ele passou. Terão de me desculpar... por vir relembrar uma história verdadeira, passada há 2 anos no dia de Carnaval.

Perto de nós, alguém veio chamar o Sr. P.e Baptista para assistir a um Pobre que vivia por esmola numa casa vizinha. Vitimado por um ataque cerebral, ficou sem fala o senhor Artur. Quando se chegou para o assistir, encontrava-se em estado de coma. Jazia no chão do sobrado, onde se recolhem as sementeiras. O seu estado requeria algo mais do que os Sacramentos. Por isso, acto contínuo, veio tal como se encontrava: coberto com sacos de linhagem bastante usados. E tinha feridas infectadas sem protecção, cobertas com a mesma linhagem. Mas bastante pôdre!

Sem olhar a cheiros (longe de serem perfumados, como calculam) ele veio para uma cama limpa. E assim, Deus chamou-o em Quarta-feira de Cinzas. Não como um animal irracional, mas sim como um Homem!

Isto foi em dia de Carnaval. Hoje, pouco ou nada parece impressionar os homens, estes «pequenos» acontecimentos. Mas se virem em letras de forma ou ouvirem em telefonias que o Carnaval com as suas folias e devassidões vitimou, em tal país, milhares de pessoas, quando se encontravam a «gozar» essa quadra, já se assustam ou lastimam!

Se muitos vissem em que estado o Sr. Artur se encontrava... (em vez de paródias, partidas, máscaras e sei lá que mais) temos a impressão de que nem vontade teriam para tomar refeições nesse dia! Será exagero? — Tudo quando nos faz tremer com as «partidinhas...» de Deus, hoje serve apenas para os «piegas». Ora eu nisto posso dizer-vos que Deus serve-Se de vários modos para chamar os homens de boa vontade!

Foi no dia de Carnaval. E em tantos outros verificamos com os nossos pobres olhos as consequências mais dolorosas em que nos chegam as vítimas de uma sociedade que dispensa a Verdade para viver à moda do Carnaval.

Manuel Simões

Paço de Sousa

Amigos leitores, é a primeira vez que escrevo para o nosso jornal, ou seja, «O Gaiato».

Por ser a primeira vez que vos escrevo, vou falar da minha casa, a Casa do Gaiato.

A primeira ordem da Casa é a disciplina e o trabalho.

Quem quiser ser respeitado tem e deve respeitar-se a si mesmo e aos outros.

A Casa do Gaiato tem alguns edifícios importantes. Em primeiro lugar, a Capela, onde está o corpo de Pai Américo ou seja, a luz dos gaiatos.

A Escola, é também um edifício importante onde se dá aulas da 1.ª à 4.ª classe e do 1.º e 2.º anos da Telescola.

O Bar, é a alegria dos gaiatos.

A Obra, não é apenas a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. São também as Casas em Setúbal, Miranda do Corvo, Calvário, Malanje, etc.

Senhores, nós, os gaiatos que andamos na escola, necessitamos de pastas para guardar os livros e outros objectos escolares. Eu explico-vos: Como não as temos, guardamos os lápis e as canetas nos bolsos e vamos para a brincadeira e quando toca a sineta logo ficamos aflitos porque os bolsos estão vazios. Lá temos de ir pedir outro material e assim este termina depressa.

Depois de lhes explicar estas nossas dores de barriga, fico à espera que nos apareçam umas pastas para guardarmos as nossas coisas da escola...

Agradece o

Mário José

LAR DE COIMBRA

A vida do nosso Lar tem decorrido sem acidentes. Somos praticamente todos estudantes e alguns são empregados e estudam à noite. A casa tem capacidade para muita gente.

A nossa sala de jogos e recreio está a ficar mais composta. Com mesas forradas a pano verde e o bar a um canto, dá mais gosto estar lá. O bar é uma categoria de que todos gostam. E agora com as lembranças que os alunos deram ao professor Chico Zé!... até nos nasce água na boca. Isto é a sério. Quem quiser um cafêzinho ou um bagaço caseiro, é só cá aparecer e entender-se com o Manel.

O nosso Lar, por ser grande e ter boas salas, outro dia esteve cheio de gente e de alegria. O movimento dos Casais de Santa Maria veio cá fazer um encontro.

Foi um dia muito alegre.

Chegaram e dividiram-se pelas salas. Ao meio dia foi a Missa. Depois foi o almoço em grande intimidade. A seguir ao almoço arrumaram a sala e cozinha e toda a gente foi para a sala grande. Uns conversaram, outros jogaram, outros admiraram o magnífico panorama que se vê da nossa varanda, outros tomaram café, os pequenos brincaram. Foi uma tarde bem passada.

Gostámos muito de os cá ver. E que venham sempre.

O cronista

MIRANDA DO CORVO

Obras — Os nossos porcos vão ter casa nova esta semana. Casa nova e boa. Vão ficar contentes.

Tem sido um grande trabalho a construção das pocilgas. São treze currais e cozinha e casa de rações.

As porcas andavam tão contentes com a construção dos nossos currais que até tiveram vinte e dois porquinhos! Eles já comem e gostam de pegar nos nossos dedos. Todos gostamos de lhes fazer festa.

A seguir às pocilgas vamos construir as capoeiras, pois temos as galinhas e os pintainhos em lugares que não são próprios.

Tem sido uma grande despesa e os Amigos têm aparecido pouco.

A nossa Serralharia foi aumentada com uma máquina de dobrar tubo. Agora é que vai ser trabalhar bem e fazer trabalhos muito variados e bonitos: cadeiras de todos os feitios, mesas como cada um quiser e outras mobílias. É só os fregueses aparecerem a dizer o que e como querem. Nós fazemos tudo e gostamos de ter muito trabalho, mas já há tempos que têm chegado poucas encomendas e andamos tristes por isso, pois o trabalho ajuda-nos a sermos homens e a governar-nos.

Os carpinteiros também se queixam do mesmo.

Aqui deixo este recado aos queridos leitores e Amigos.

Um do Grupo

Gaiato

Cantinho
de
Poesia

CANTILINA



Por **SANTOS SILVA**
Chai, Dezembro de 1970

...E só depois disso
É que eu entendi
Porque toda a aldeia
Chorava...
Chorava por ti.

Os bons Companheiros
De coração forte,
Ao passar por eles,
Deitavam...
Deitavam-te a sorte...

E com que doçura
Te olhava um pequeno!
(De papel um barco
Vogava...
Vogava sereno...)

Choravam os fetos
Na berma da estrada.
— Alguém partiria
Prá negra...
Prá negra jornada?...

Desfeitos em prantos
Choravam por ti
Uns olhos castanhos.
Não negues...
Não negues, que eu vi.

Tomados num beijo
Fizestes promessas:
— Tu vais para longe!
Mas nunca...
Mas nunca me esquças...!

... Ias a falar...
(Ai! que triste adeus!...)
Como te sentias
Só sabem...
Só sabem os Céus!

Chamavam-té as lágrimas
Nas faces dum mudo...
Choravam as horas
E mais...
E mais do que tudo

Assomava à porta
Um vulto em cadilho
Cem vezes bramindo:
— Lá vai!
Lá vai o meu filho!!

Aumentou a aflição do fechar das contas em 1970 com a notícia de que este ano não teríamos a Festa dos Gaiatos. São muitos a perguntar pela «festa» e ficam tristes com a resposta negativa. Era o encontro da família da Obra da Rua e sentem a falta daqueles momentos de alegria. Está aqui o motivo principal que todos os anos levava os rapazes ao palco. Desta vez, pelo menos na zona norte, por circunstâncias já indicadas em outro número de O GAIATO não é possível realizá-las.

Além da repercussão moral das «Festas», há também a notar a colaboração que por ocasião das mesmas prestavam os amigos da Obra. Eram os bilhetes à venda; eram os trocos que ficavam; era o excesso com que muitos pagavam a entrada; e eram as capas. Em Lamego o resultado era para o Lar de S. Domingos. Este ano, sem «festa», ficamos também sem aquela ajuda. Diz o nosso povo que um mal nunca vem só.

Esta situação tem-nos obrigado a pedir aqui e além e a escrever a uns e a outros. Vão chegando algumas respostas

MALANJE

Os nossos rapazes estão menos indolentes. Sabem que têm de realizar as suas tarefas, que ninguém lhes tocará senão eles. Isto lhes cria hábitos de trabalho e, dia a dia, favorece a sua personalidade.

Que paraíso seria esta Angola se todos trabalhassem um pouco! Que toque será ne-

Lar Operário em LAMEGO

e muito temos que agradecer. A quermesse, por alturas da Páscoa, vai ser uma realidade pois têm oferecido vários prémios. A Sociedade Perfumarias Dorlan enviou grande quantidade de artigos. Não sei quem vive na Avenida 5 de Outubro, em Lisboa, porque nem vem o nome, nem o número, mas vêm os objectos que hão-de enriquecer o sorteio. Agradecemos os lençóis e as cobertas e o nós podemos e devemos ajudar, da Praça de Damão. Estava tudo no fio. Quem pode oferecer mais roupa branca para as camas? Chegaram alguns paco-

tes de roupa e três fatos muito bons que não sabemos a quem agradecer. Temos ainda mais duas promessas de encomendas; à medida que vão chegando, vamos organizar o sorteio a fim de não ficar tudo para a última hora. Alguns, talvez por ser mais fácil, têm mandado dinheiro para adquirir aqui os prémios. E a verdade é que os dez ou vinte recebidos agora, vão render depois quarenta ou cinquenta. Ficarão equilibradas as nossas contas? Vale-nos ao menos a compreensão que nos dispensam. Neste cortejo de bem fazer esteve ainda presente a Av. Almirante Reis; e Vênda Nova; e Águeda; e a Rua D. João IV; e Reguengo; e a Foz do Douro; e o L. do Terreiro do Trigo e Monte dos Burgos e muitos que só se identificam com «um assinante de O GAIATO».

Não temos esquecido as intenções do casal de Elvas; nem das Quintas das Pedras; nem de Ferreira do Alentejo; nem de Maria da Beira.

Transformaram-se em pão os selos usados que vieram de Alcochete, da Rua Sidónio Pais e da Praceta do Junqueiro. Quem pode enviar mais? Ficamos com pena dos que chegam inutilizados porque não vêm colados ao papel e com margem.

Vilar Formoso tem sido fiel à promessa para a viúva e bem assim mais três ou quatro leitores. Outros ficaram pelo caminho, esquecidos, ou então à espera que digamos alguma coisa. Houve quem tivesse devoção em pagar a renda, mas não quiseram ajudar a construir a casa. Esqueceram-se de que vale mais dar a cana e ensinar a pescar do que dar simplesmente o pelxe. Os donativos para a casa da viúva deram-nos alento para começar, todavia estão longe de nos permitir chegar ao fim.

E agora demos conta que entrelaçamos as notícias do Lar de S. Domingos com as necessidades da viúva. Está, porém, tudo certo porque devemos constituir uma só família e a todos envolver no mesmo amor. Alguns assim têm compreendido e ao enviar as suas ofertas dizem para serem aplicadas onde for mais necessário.

As próximas notícias do Lar de S. Domingos só virão depois da Páscoa e por isso endereçamos desde já saudações de Festas Felizes.

Padre Duarte



cessário para que estas gentes semeiem e colham e se alimentem bem com a fartura da colheita?

Olhos cobiosos nas bananas que os nossos rapazes comem com gosto... Baixas, enormes, com rio pelo meio, a darem capim!

Tem que haver o caminho... Será o Reordenamento Rural? Deus o queira.

O alguém estar debruçado sobre o problema já é um grande passo.

x x x

O «Zé da Fisga» foi-se a uma abóbora, cortou-lhe uma fatia e ofereceu aos «batatinhas» dizendo que era melancia. Foi julgado por ter estragado um fruto verde e por ter ido à horta sem licença. Confessou e pediu a todos, um a um, perdão, com a abóbora estragada nas mãos.

x x x

O Alberto é aquele rapaz que fugiu e andava por Luanda. Há dois meses que está na nossa Casa. Há dias levei-o a Luanda para vender o Jornal.

A liberdade das ruas, dinheiro no bolso e antigos conhecidos... Pois não! Sempre a horas onde eu lhe marcava.

Os dois, felizes, mais o Camacho e o Laurindo — no aconchego, em família, à mesinha do bar.

— Ficaste bem?

— Estou mesmo cheio.

E que bom garfo é o Alberto! Depois fomos a casa dele. O pai estava na casa de saúde; Os meios irmãos... (com que carinho ele os beijou!) De cor diferente?! Nem se dá por ela!

Padre Telmo

— Não, atenda primeiro aqueles que chegaram antes.

Delicadeza de alma! Compreensão!... Sentido de justiça!... Poderia ter pensado: — «Bem, nós marcámos hora». Mas não. Viram, de relance, que os meus primeiros interlocutores não tinham cultura nem capacidade para marcar encontros!

Soube-me tão bem aquele «atenda primeiro os que chegaram antes», tão bem!... Uma atitude cristã. Não fazer aceção de pessoas!...

No fundo e só neste caso apenas um intermediário. Mais nada.

O primeiro casal vinha dar-me oportunidade de lhes fazer bem e pedir esse bem. O segundo vinha pedir-me a oportunidade de fazer bem e dar esse bem. — Mais nada!

O Mundo ordinariamente não entende. É mundo. Os operários do «Reino de Deus» têm a intuição do valor exacto dos seus actos.

Quantos se queixam que vieram à Casa do Gaiato para dar e ninguém lhes deu atenção?!... É mundo. Quantos vão felizes por se esconderem por detrás da sua dádiva! Quantos, ainda, agradecem a nossa recepção dos seus bens ofertados alegremente! São do Reino.

Padre Acílio

Setúbal

Temos uma boa notícia a dar a todos os amigos: Este ano vamos ter festa. Será no dia 20 de Abril no Luíza Tódi às 21,30 h..

Queremos levar a todos a mensagem do que a nossa vida traduz: amor incarnado a todos os que sofrem.

O ano passado não fizemos festa. Foi o cansaço, o trabalho e as contrariedades que não fomos capazes de vencer totalmente. Este ano, apesar, de tudo estar na mesma, ou pior, sentimo-nos forçados a contactar com a massa mais quente que nos anima, para nos reanimarmos em conjunto.

Os maiores preparam uma comédia adaptada à sua idade, cultura e mentalidade. Vai ser de faltar a rir. Os músicos ensaiam conjuntos, danças e canções. Há quem dance e quem marche. Tudo é espontâneo! Os «batatinhas» inventam passos e fazem beicinho para captarem o coração de todos.

Eu terei uma palavra oportuna.

x x x

Vieram há dias ter connosco dois casais.

Um era muito pobre; apresentava-se de forma quase desprezível. Trazia consigo o peso das suas necessidades e o número elevado de filhos. Quer fazer uma «casinha».

Outro era remediado, vinha numa carrinha; consigo trazia alguns filhos. Visitavam-nos para repartir connosco as suas economias. Tinha marcado o encontro.

Eu atendia o primeiro. Conversámos sobre os seus projectos, a forma de os realizar, as ajudas que lhes poderia dar...

Ao chegar o segundo fiquei um pouco atrapalhado. Fui falar-lhes. Por fraqueza dispunha-me já a atendê-la. Nisto, o marido atalha.

Festas

Sempre que posso, no fim do jantar, vou para o escritório. Pouco faço, mas delicio-me a ouvir. Ouço os cantares dos que ensaiam as festas. Que suavidade ao fim do dia e ao cair da noite! Os cantares deles ajudam-me a um repouso mais calmo.

Ouvi e gostei tanto, tanto, que pedi a letra ao Carlos Manuel. A letra é dele. Foi uma noite sem dormir. O Carlos Manuel aproveita todos os momentos livres da escola para as coisas das festas. Esta letra é a saudação e a despedida. Ei-la:

Noss'Obra nasceu
E depois cresceu,
Fruto d'amor e de fé.
Eia! Haj'alegria,
Pois que, neste dia,
Tão acarinhada é.

Eis-nos de novo convosco
Sem repetir, nem cansar.
Porque nos amais,
Não nos dispensais.
Oh! Como é tão bom
[voltar!

Da nossa festa há quem
[diga
Mil maravilhas conter.
Jorrando alegria
Graças à harmonia

É 'spiritual prazer.

Quem disse qu'a juventude
'Stá perdida e naufragada?
Somos, com razão,
A desorganização
Sàbiamente organizada.

Quem quiser amar,
Tem de procurar
Dar a mão a seu irmão.
Da nossa romagem
Vai esta mensagem
E a nossa gratidão.

P'ró ano, se Deus quiser,
Ninguém deixará de vir.
Todos bem presentes,
Felizes havemos de sentir.

É um manjar que vale a pena
irmos, desde já, saboreando.

PADRE HORACIO

x x x

ABRIL

17 — Cine Teatro
LOUSÁ

19 — Teatro Avenida
COIMBRA

21 — Cinema Casino Peninsular
FIGUEIRA DA FOZ

- 23 — Teatro Aveirense
AVEIRO
- 26 — Cine Teatro Avenida
CASTELO BRANCO
- 27 — Cinema Gardunha
FUNDÃO
- 28 — Teatro Cine
COVILHÁ
- 30 — Teatro Lúcio da Silva
LEIRIA

MAIO

1 — Bombeiros Voluntários
CANTANHEDE

2 — Casa da Música
AVELAR

3 — Cine Teatro
TOMAR

5 — Cine Teatro Stephens
MARINHA GRANDE

8 — Cine Teatro
GUARDA

9 — Ginásio do Colégio
SEIA

11 — Teatro de Anadia
ANADIA

15 — Cine Teatro
POMBAL

22 — Teatro Alves Coelho
ARGANIL

Nota: Todas estas festas são às
21,30 h.

Bilhetes à venda nas casas
do costume, e na Guarda,
Arganil e Marinha Grande
no Escritório Paroquial.

* * *

ABRIL

22 — MONUMENTAL
LISBOA

Bilhetes à venda nos seguin-
tes locais:

Franco Gravador, Rua da Vi-
tória, 40, tel. 361406; Montepio
Geral, Rua do Ouro, 241, tel.
323001; e na Ourivesaria 13, Rua
da Palma, tel. 861939.

Nas bilheteiras do MONU-
MENTAL, só no dia da Festa.

* * *

ABRIL

20 — Luísa Tódi
SETÚBAL

Bilhetes à venda:

Papelaria Campos, Largo da
Misericórdia, telef. 22447.
Lar do Gaiato, Largo das
Areias, telef. 23054.

E todos os dias nas Bilhe-
teiras do Cine Teatro, telef.
22127.

25 — Sociedade F. Humanitária
PALMELA

Bilhetes à venda:

Na Secretaria da Sociedade Fi-
larmónica, Telef. 235235; Quinta
do Anjo — Sebastião Fortuna,
Telef. 237869.

Visado pela
Comissão de Censura

RESPEITO PELO HOMEM

DEM DA PRIMEIRA PÁGINA

queiro, estabelecido com um pouco menos de 4 contos de capital, de que vós, leitores amigos, fostes os subscritores, o nosso homem foi a Lisboa.

Foi à conta de Deus. A que porta havia de bater? Que estratégia havia de o conduzir? O nosso homem não sabia nada. Sabia somente que era vítima, ele e os seus filhos. Sabia que afinal não estava só: A notícia do seu drama chegara pel'O Gaiato aos confins do Mundo português; e os ecos produzidos por tantas almas atingidas haviam-lhe proporcionado nova esperança na vida. A sua necessidade e a solidariedade dos outros eram as suas asas. Por isso, embora sem saber a que porta havia de bater, nem de que modo devia conduzir-se, ele foi, foi mesmo a Lisboa.

No comboio, um soldado dá-lhe a primeira pista: o Movimento Nacional Feminino. Mas nem ali, nem de um advogado a quem o Movimento o recomendou, recebe luz suficiente.

Experimenta Secretarias e altos Gabinetes. Num deles sabe, pela primeira vez, que não eram apenas duas Companhias de Seguros, mas por seis

que estava dividida a gorda maquia da sua pensão anual.

Pois nem Secretarias nem altos Gabinetes lhe deram luz, também.

«Que fazer?... Voltar para a terra?... Mas que faço eu na terra, se só aqui é a terra do último suspiro?...» — conver-sava ele com os seus botões.

Do mesmo modo, à sorte, como lhe tinha sido sugerida por um soldado a primeira pista, foi, como por um acaso, que Deus lhe sugeriu a pista eficiente.

E o homem foi e veio servido. O seu processo foi retomado. Voltou à Caixa de Doenças Profissionais, onde foi re-observado e radiografado e analisado da cabeça aos pés.

E ele espera de novo. Foi a vossa solidariedade, leitores amigos, traduzida nos seis contos que lhe entregámos e lhe permitiram levantar cabeça, que lhe deu asas e reacendeu o fogo da Esperança.

Que homem novo, diferente, o de ontem, do daquela tarde de há meses quando nos apareceu pela primeira vez!

Bendita a fraternidade entre os homens! «Onde a Caridade e o Amor, aí está Deus». Ele e a Sua benção fecundante!

Aqui Lisboa

DEM DA PRIMEIRA PÁGINA

bor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto». Assim se vão construindo Homens e legando aos vindouros melhores condições de desabrochamento e afirmação das suas qualidades potenciais e, à maneira de quem brinca, dando expressão real ao aforismo popular «o trabalho do menino é pouco, mas quem o despreza é louco».

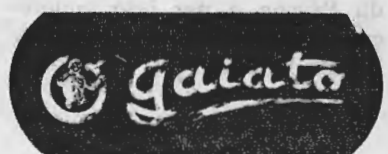
Outro factor que leva ao «milagre» expresso é, sem dúvida, a amizade, tantas vezes devotada em extremo e chela de renúncias, dos Obreiros de fora. Os estímulos recebidos, de viva voz ou por escrito, as sugges-

tões oferecidas, os auxílios enviados de longe ou de perto, e não sabemos o que mais, são peças essenciais de arquitectura da Obra, que a todos pertence e grande número faz sua, sem acepção de pessoas ou classes sociais, numa comunhão de sentimentos que nos impede o desânimo e obriga a superar as próprias deficiências físicas ou morais.

A terminar a nossa conversa de hoje, e na linha do que nos é sugerido por um dos nossos leitores, aqui vai o apelo aos 30.000 assinantes de «O Galato», no sentido de contribuirem com vinte escudos cada, pela Páscoa que se aproxima, para as nossas obras, a fim de acabarmos as oficinas e construirmos a casa para os Rapazes. Seriam as «amêndoas» que afinal, a todos fariam a boca doce...

Entretanto, chega-nos a informação de já podermos contar com a roupa de cama para os 50 habitantes da nova casa. Deus seja louvado!

Padre Luiz



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE

A Família cresce

Uma imagem do casamento da Margarida e do Rufino, da nossa Casa de Paço de Sousa — em cuja Capela selaram o compromisso.



Lucília e António Silva — que também se fez homem em nossa Casa de Paço de Sousa — após o casamento, sorriem para o futuro.